

## RITOS, RITUAIS E RECOMENDAÇÕES NA IGREJA CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL

Vasni de Almeida<sup>1</sup>  
Sueli Marques da Silva Ferraz Saraiva<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Neste estudo buscamos compreender os princípios e as práticas da Igreja Congregação Cristã no Brasil (CCB), dado que, embora esta igreja pentecostal esteja instalada no Brasil há mais de 100 anos, poucos são os trabalhos de natureza histórica sobre ela. Ao passo que a maioria das pesquisas históricas sobre os pentecostais se debruça sobre as questões relacionadas ao envolvimento político de pastores e líderes das igrejas, ao impacto dessa religiosidade na mídia, ao fundamentalismo que tais igrejas impõem aos temas como homossexualismo e aborto e às formas de cura que embasam suas práticas, nossa inquietação ao pesquisar a CCB é ir além dessas preocupações: é perceber, na sua organização interna, os rituais que alicerçam a religiosidade pentecostal. Foi com essa intenção que analisamos rituais, como o batismo, o casamento e a santa ceia, apontando os seus significados para a fundamentação do discurso considerado *evangélico*.

Ao realizar as leituras das atas das assembleias e das convenções da CCB<sup>3</sup>, percebemos que foi somente a partir da década de 1990 que os líderes dessa igreja começaram a se preocupar com temas que circulavam na sociedade em geral, o que, anteriormente, não eram objetos de sua reflexão no âmbito interno, tais como o batismo de portadores de doenças infectocontagiosas, de presidiários e de pessoas com problemas no casamento. Tal abertura nos pareceu relevante, posto que essa igreja é considerada fechada aos problemas sociais. A análise das orientações, dos ritos e dos rituais da CCB foi norteadas por leituras de alguns autores que se

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, Núcleo UFT.

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Tocantins e membro do Grupo de Pesquisa História das Religiões.

<sup>3</sup>Essa documentação que norteia a reflexão sobre o tema não se restringe à Congregação Cristã no Brasil no Estado do Tocantins ou na cidade de Araguaína. Tais atas foram elaboradas pela direção geral da igreja e servem para orientar as práticas das igrejas locais em todo o país. São atas e diretrizes à disposição de toda a liderança da igreja. Elas estão disponíveis no Centro de Documentação Histórica (CDH), do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína.

dispuseram a estudar o campo das religiões, bem como a religião como sistema cultural.

Nesse sentido, guiamo-nos pelas considerações do antropólogo Clifford Geertz presentes na obra *A Interpretação das culturas*,<sup>4</sup> notadamente aquelas relacionadas à importância dos símbolos nas práticas religiosas, como também de Émile Durkheim, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*,<sup>5</sup> que nos ajudou a compreender os fenômenos religiosos da vida em sociedade e o papel das crenças dos ritos na organização social. Pierre Bourdieu, em *O Poder Simbólico*,<sup>6</sup> por sua vez, nos fez compreender que os símbolos têm o poder de estabelecer uma visão e uma crença diferente daquela que é constituída pelo mundo, mas que capacita ao indivíduo religioso agir sobre ele.

A orientação relacionada ao batismo, ao casamento e à santa ceia, as formas de aceitação do divórcio nesta instituição e, por último, o casamento entre pessoas do mesmo sexo são importantes para compreender a abertura da igreja a temas prementes na sociedade, dos quais uma instituição religiosa, por mais fechada que seja, não escapa. Todavia, antes de adentrarmos nas considerações sobre esses aspectos, faz-se necessário trazer à baila as origens da igreja no Brasil.

## ORIGENS DO PENTECOSTALISMO E DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

O movimento pentecostal, segundo Duncan Alexander Reily, pode ser considerado como herdeiro do conceito de perfeição cristã, desenvolvido por John Wesley, fundador do metodismo, no século XVIII. A especificidade desse movimento, o que lhe dá a natureza religiosa tal como a conhecemos no século XXI, tem início na Escola Bíblica de Topeka, no Estado do Kansas, nos Estados Unidos. Reily assim produziu a narrativa explicativa desse surgimento:

Nessa escola, Charles Pahram defendia a ideia de que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o Batismo no Espírito Santo. Um

<sup>4</sup> Clifford Geertz. *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, LTC, 1989.

<sup>5</sup> Émile Durkheim. *As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*, São Paulo, Martins Fontes, 1996.

<sup>6</sup> Pierre Bourdieu. *O Poder Simbólico*, 10 ed, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

discípulo de Parham, o pregador negro W. J. Seymour foi convidado para pregar na Igreja de tipo *holiness* da evangelista negra Nelly Terry, em Los Angeles, Califórnia. Pregando sobre At 2.4, Seymour declarou que Deus tem uma terceira benção além da santificação, a saber, o Batismo no Espírito Santo, acompanhado do falar em línguas. Nelly Terry, escandalizada, expulsou-o da sua Igreja! Seymour, porém, promoveu reuniões em outras partes da cidade e no dia 6 de abril de 1906 em uma reunião de oração à rua Azuza, n. 312, um menino de oito anos falou em línguas, seguido de outras pessoas. Foi o início formal do movimento pentecostal.<sup>7</sup>

Ainda que discordando de alguns pontos específicos defendidos por Seymour acerca da santificação, justificação e Batismo no Espírito Santo, W. H. Durham, pastor de uma Igreja Batista de Chicago, aderiu à experiência de falar em *língua estranha*, o que muito colaborou para a difusão da nova prática religiosa no campo protestante. Os fiéis de diversas igrejas dessa nova expressão de religiosidade, ainda que evitassem, nesse período inicial, formar uma nova denominação, passaram a ser chamados de membros da Igreja de Deus. De acordo com Reily,<sup>8</sup> aos poucos a designação de Assembleia de Deus se popularizou e é desse ambiente de inovação teológica, se não original, porém com a sistematização do conceito de santificação como regra de fé e doutrina, que o pentecostalismo saiu de Chicago, nos Estados Unidos, para o Brasil. Duas igrejas são emblemáticas desse movimento missionário pentecostal no Brasil: a Igreja Congregação Cristã no Brasil e a Igreja Assembleia de Deus.

A Igreja Congregação Cristã no Brasil foi fundada por Luigi Francescon, um protestante italiano que migrou para os Estados Unidos em 1890 e que se filiou à Igreja Presbiteriana de Chicago, berço do movimento pentecostal, como indicamos. Nesta cidade, ele conheceu e recebeu influências teológicas de W. H. Durham, pastor da Igreja Batista, não demorando, então, a assumir o Batismo no Espírito Santo e o consequente *dom de línguas*. Imbuído de fervor religioso, pregava em várias cidades dos Estados Unidos, entre elas Los Angeles e Nova York. Em 1909, acompanhado de Giacomo Lombardi e Lucio Menna, Luigi Francescon

<sup>7</sup> Duncan Alexander Reily. *História documental do protestantismo no Brasil*, São Paulo, Aste, 1993, p.367.

<sup>8</sup> REILY. *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 376.

partiu de Chicago para Buenos Aires, na Argentina, com a ideia de espalhar a mensagem pentecostal na América Latina. Em março de 1910, deixou Buenos Aires rumo a São Paulo, no Brasil, cidade em que entrou em contato com imigrantes italianos que frequentavam igrejas protestantes tradicionais. Depois de realizar algumas reuniões de oração em São Paulo, partiu para a cidade de Santo Antônio da Platina, Paraná, onde, com a ajuda de imigrantes italianos, fundou a primeira Igreja Congregação Cristã no Brasil.<sup>9</sup> Esse nome não foi dado à igreja organizada por Francescon no seu início, pois somente na década de 1930 foi registrado o nome definitivo da denominação.

Francescon retornou a São Paulo ainda em 1910, onde insistiu na organização da igreja. Émile Léonard indica que os fiéis arregimentados por ele, muito provavelmente, tenham saído dentre os católicos, presbiterianos e metodistas. Foi esse autor quem construiu uma das definições sociológicas mais clássicas sobre o pentecostalismo brasileiro em seus momentos iniciais:

Em todos os lugares onde aparece, o pentecostalismo apresenta-se como a forma ‘proletária’ do protestantismo. Ao lado de comunidades e denominações mais antigas, aburguesadas ou em vias de aburguesamento, ele espanta por seu caráter muito mais popular. Esse caráter é mantido pela persistência e o crescimento de suas conquistas entre as classes menos afortunadas. No Brasil, o fato que as Congregações têm seu centro mais poderoso no grande polo operário de Sorocaba tenderia a dar, ao observador, uma aparência de denominação obreira.<sup>10</sup>

Com o termo *denominação obreira*, o autor está se referindo a uma igreja composta basicamente por operários. O autor indica que esta é apenas uma tendência, já que tal denominação cresceu muito nas áreas rurais do interior brasileiro,<sup>11</sup> e sua compreensão, elaborada na década de 1950, de uma igreja que se constituiu entre as camadas de trabalhadores de baixa renda incentivou pesquisas com essa perspectiva nas décadas de 1970 e 1980.

---

<sup>9</sup> Reily. *História documental do protestantismo no Brasil*.

<sup>10</sup> Émile-Guillaume Léonard. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*, São Bernardo do Campo, IMES (UMESP), 1988.

<sup>11</sup> LÉONARD. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*.

A CCB, no Estado do Tocantins, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, conta com 16.429 membros, ficando atrás somente das Igrejas Assembleias de Deus.<sup>12</sup>

## SÍMBOLOS E RITOS NA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

Para analisar os símbolos e ritos da CCB, guiamo-nos pela compreensão de Clifford Geertz, quando afirma que “os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro”.<sup>13</sup> Os símbolos, dessa forma, instituem uma ordem que, por sua vez, dá significação imediata ao mundo, especialmente ao social e, assim, os símbolos são ferramentas importantes para a compreensão entre o sentido religioso e o social. Por serem ferramentas de informação e comunicação, os símbolos possibilitam o consenso em relação ao sentido que promove a ordem social, aparecendo como todas as demais formas de poder que impõem significações ao mundo e lhes dá legitimidade. Os sistemas simbólicos, que funcionam “como instrumentos do conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados” e,<sup>14</sup> portanto, os símbolos ou sistema simbólico têm a capacidade de intervir no processo dos acontecimentos, como ações e crenças de grupos religiosos.

Geertz afirma que sem os símbolos e os sistemas simbólicos a humanidade se acometeria de uma grave instabilidade emocional, que seria gerada não apenas pela ausência de interpretações, mas também pela falta da interpretabilidade, o que levaria a humanidade a um caos.<sup>15</sup> Os símbolos sagrados não representam apenas os valores positivos ou negativos, mas ambos, nem só a existência do bem ou do mal, mas o conflito entre eles, a disputa existente, o profano e o sagrado. A necessidade do homem em explicar as forças destrutivas que existem no interior de cada um, como também fora dele, são formas de explicar as ações humanas. Essas interpretações ou explicações são bem variadas, pois dependem das configurações sociais. No entanto, sabemos que ao representar o poder, a

---

<sup>12</sup> Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Religiões: cidades*. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=17021&idtema=91&search=tocantins|araguaina|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao-,>>. Acesso em: 20 fev. de 2014.

<sup>13</sup> Geertz. *A Interpretação das Culturas*, p. 67.

<sup>14</sup> Bourdieu. *O Poder Simbólico*, p. 09.

<sup>15</sup> Geertz. *A Interpretação das Culturas*.

força religiosa constrói uma imagem do real e que todos os acontecimentos se desenrolam por possuírem significados e por causa deles. Para Geertz, a força de uma religião — e seus símbolos — exerce papel central na formulação da compreensão do mundo real. Dito isto, e na busca por oferecer uma compreensão sobre a complexa teia de interpretações que a CCB faz das crenças que a sustenta como instituição religiosa, verificaremos como ocorrem os tratamentos que a CCB destina a alguns símbolos e ritos caros à religiosidade pentecostal: o batismo, a santa ceia e o casamento.

## O BATISMO

O batismo por imersão tornou-se mesmo o ritual responsável pela construção da identidade dos pentecostais. Louis Francescon, o fundador da CCB no Brasil, teve o cuidado de elaborar uma interpretação da leitura bíblica que narra o batismo nas águas, ou batismo por imersão, ritual indicador de que o fiel passou a compor a congregação na qual se converteu. Apesar de Francescon já possuir o cargo de ancião na igreja presbiteriana italiana na cidade de Chicago, Estados Unidos, percebeu que esse ritual não era praticado na recém-inaugurada igreja brasileira e, com o discurso de que havia recebido uma revelação de Deus sobre a forma correta de batismo, que consta no livro de Colossenses, capítulo 2, afirmou ter ouvido “uma voz que me repetiu por duas vezes, tu não obedeceste a este meu mandamento”.<sup>16</sup> Era preciso, assim, romper com a velha forma de batismo da igreja presbiteriana italiana, que o realizava por aspersão, ou seja, com a água sendo borrifada, respingada ou chuviscada sobre o batizado.

Francescon acreditava em um novo discurso sobre o batismo: o de imersão nas águas. Tal prática foi iniciada por Giuseppe Beretta, que, em 1898, havia se convertido à Igreja Metodista Livre Americana, mas que, tempo depois, passou a frequentar a Igreja Presbiteriana Italiana, da qual Francescon era diácono e depois missionário. Beretta foi batizado por imersão em 1903 na cidade de Elgin, por um membro americano pertencente ao grupo religioso *Church of the Brethren*. O batismo de Beretta, por imersão, deu início ao novo grupo religioso e, após alguns dias deste acontecimento, Francescon pediu para que Beretta o batizasse. Em 1907, Francescon uniu-se ao grupo religioso do pastor W. H. Durham, nos Estados Unidos, pelo fato deste grupo já praticar a glossolalia, ou seja, já terem a prática religiosa do batismo do Espírito Santo, ou falar em *outras línguas*. Devido ao batismo ser um instrumento de aceitação e conversão que leva o

---

<sup>16</sup> Relatório da Convenção da CCB, 1998, p. 35.

indivíduo a abandonar o profano e unir-se ao sagrado, a CCB tem neste ritual a centralidade de sua religiosidade.<sup>17</sup>

Nas considerações dos ministros<sup>18</sup> sobre como deve ser feito o batismo na CCB, há todo um cuidado com os pormenores deste ritual, preconizando, dentre outras coisas, que, antes de submergir o candidato, o ancião responsável pelo ritual deve dizer as seguintes palavras: “Irmão (a), em nome de Jesus Cristo te batizo, em nome do Pai, do Filho do Espírito Santo – Amém”.<sup>19</sup> O batizado é, então, alertado de que deve acreditar que “Jesus Cristo é o filho de Deus, e ele é o salvador e não o batismo”, sendo esse rito apenas o símbolo de “obediência à palavra de Deus”, aplicando, assim, os termos contidos no livro de Atos, capítulo 2, versículo 38.<sup>20</sup> Neste mesmo ritual, deve-se cantar a primeira parte do hino 195 do hinário, antes de iniciar o batismo, e a segunda parte, após a realização do batismo.<sup>21</sup>

Para a CCB, o batismo é um rito de purificação, com o qual se espera que os *pecados* cometidos pelo indivíduo sejam anulados, acredita-se que, após o batismo, o fiel inicia uma nova vida, mudando seus hábitos sociais e comportamentais. Para Geertz, os ritos religiosos operam com a representação cultural de um grupo religioso e, ainda, que a forma de exibição de um ritual é totalmente diferente àqueles que dele participam e aos que simplesmente o assistem. Para o participante, o ritual é modelo para sua fé, conforme expressa o autor nas seguintes palavras:

Enquanto para os ‘visitantes’, pela natureza do caso, as realizações religiosas só podem ser apresentações de uma perspectiva religiosa particular, podendo ser apreciadas esteticamente ou dissecadas cientificamente, para os participantes elas são, além disso, interpretações, materializações, realizações da religião – não apenas modelos daquilo que acreditam, mas também modelos para crença nela. E neste drama

---

<sup>17</sup> Relatório da Convenção da CCB, 2002.

<sup>18</sup> Ministros são os membros mais idosos da igreja, chamado de anciãos. Os anciãos membros das convenções nacionais elaboram e votam as orientações e diretrizes para as práticas religiosas das igrejas locais. Um ministério é formado por um conjunto de anciãos de uma determinada igreja. É esse ministério que organiza os cultos e todos os seus desdobramentos.

<sup>19</sup> Relatório da Convenção da CCB, 2002.

<sup>20</sup> João Ferreira de Almeida. *A Bíblia Sagrada*, Brasília, Sociedade Bíblica do Brasil, 1992.

<sup>21</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), Araguaína – TO: Centro de Documentação Histórica do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins (UFT), 2013, (1991).

plástico que os homens atingem sua fé, na medida em que a retratam.<sup>22</sup>

O batismo é um dos ritos de iniciação mais importante para a CCB, cuja petição deve ser apresentada pelos membros do ministério, que, em oração, buscam confirmação divina sobre sua realização. É o sacerdote intermediando a fé, ao mesmo tempo em que a promove. CCB possui orientações pormenorizadas para cada tipo de batismo e, sobre o batismo de casais não regularizados, há orientações para os amasiados — aqueles que estão juntos há muito tempo e não são casados —, para aqueles que um dos cônjuges esteja desaparecido ou para os que não conseguem regularizar a relação, porque não possuem recursos financeiros suficientes para concluir o divórcio do antigo casamento. Para cada situação há uma deliberação, mas, no geral, recomenda-se que os casais regularizem suas situações e depois sejam batizados.<sup>23</sup>

A CCB estipula como deve ser o procedimento com pessoas solteiras que desejam se batizar: primeiro deve-se orientá-las sobre os costumes em relação ao namoro, pois os solteiros que não são crentes da CCB costumam ter *intimidades* com suas namoradas antes do casamento, conduta que, após batizarem na CCB, a doutrina não permite que seja continuada enquanto não se casarem, pois é considerada *pecado*. Há também orientações para que os anciãos façam advertências aos não crentes que procuram o batismo com a intenção de namorar uma pessoa da igreja, posto que casos há de pessoas que se batizam com interesse em casar-se com uma fiel da CCB e, por saberem que os crentes desta igreja não podem ter relacionamento com pessoas de outras instituições religiosas, acabam solicitando o batismo. Neste caso, a advertência é para que aos anciãos não realizarem o batismo, se o namoro for a única motivação.<sup>24</sup>

O batismo de pessoas amasiadas exigia sempre algumas precauções e, por isso, anciãos recentemente ordenados não devem atuar sozinhos nos casos de batismo de pessoas nessas condições e, nesse sentido, a orientação é que um ancião mais antigo o acompanhe nas tomadas de decisões sobre tais solicitações. Em comunidades da região amazônica, como certas cidades do Estado do Tocantins, onde não há cartórios para realizar casamentos nem fazer o registro de seus filhos, os fiéis que queiram se batizar na CCB devem

<sup>22</sup> Geertz. *A Interpretação das Culturas*, p. 83.

<sup>23</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), de 13 a 17/ 04/ 1992.

<sup>24</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), de 01 a 05 de Abril 1996.



esgotar todos os recursos legais para a realização do casamento civil e, somente em face de uma impossibilidade, orienta-se que o batismo deva ser realizado na igreja. No entanto, o casal deve ser alertado sobre a responsabilidade assumida de viverem em união, não se separando e vivendo em fidelidade.<sup>25</sup>

Quanto às orientações sobre o batismo de enfermos, percebemos a preocupação em esclarecer que, se a pessoa que pediu o batismo estiver com a saúde muito comprometida, deve-se orar e pedir confirmação. Porém, se o estado de saúde for grave, deve-se atender imediatamente, sendo de responsabilidade do enfermo seu compromisso com Deus. Se o batismo do enfermo for realizado em rios ou córregos, podem-se batizar outras pessoas que não estejam nessas condições, mas se ocorrer nos tanques das igrejas recomenda-se aos não enfermos aguardarem outra ocasião.<sup>26</sup> Sobre a realização do batismo em enfermos hospitalizados que estejam muito doentes e queiram ser batizados, deve ser analisado se os enfermos são convertidos ou se é a família que quer tal realização, cuja autorização médica deve ser requerida pelos familiares e não pelos responsáveis pela igreja. Sendo assim, a CCB não se responsabiliza por qualquer eventualidade. Estas mesmas orientações se aplicam aos casos de batismo de enfermos não hospitalizados, mas que sejam portadores de doenças infectocontagiosas ou que tenham feito algum procedimento cirúrgico que não estejam totalmente recuperados.<sup>27</sup>

No caso dos doentes portadores de HIV, o ministério de anciãos orienta aos fiéis a não indicá-los aos batismos gerais, devendo, no entanto, para tais ser feito um batismo especial, que pode ser realizado na própria congregação. Se houver necessidade, o membro do ministério responsável pela localidade irá até à residência do enfermo, onde, então, o batismo será realizado em um tanque portátil, que, posteriormente, será higienizado corretamente. Os templos que realizam batismos semanais ou mensais são indicados, caso haja necessidade, a realizar batismos especiais ou extras e, em havendo, deve-se *orar a respeito*.<sup>28</sup> Há, portanto, toda uma preocupação por parte da instituição em relação à realização de batismo para os enfermos, alertando-se aos fiéis que, quando souberem de alguém que seja portador de alguma das enfermidades contagiosas, como vírus HIV, e que tenha feito algum procedimento cirúrgico e que não esteja ainda totalmente recuperado,

<sup>25</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), de 25 a 28/03/1997.

<sup>26</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), de 13 a 17/04/1992.

<sup>27</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), de 1 a 5/04/1996.

<sup>28</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), de 10 a 13/04/1990.



procedam de modo a se realizar o batismo no tanque portátil, seguindo o procedimento de desinfecção já relatado.

Ao se ater ao ritual de batismo na CCB e às orientações e recomendações que se seguem em cada caso específico, deve-se lembrar das considerações de Durkheim,<sup>29</sup> quando afirma que a igreja orienta o indivíduo sobre quem é seu Deus, suas exigências e qual o papel desempenhado por ele na sua vida. As orientações e recomendações de um grupo religioso buscam formar grupos homogêneos e distintos de outros e, nessa direção, o batismo e seus procedimentos se colocam como um dos rituais que identificam os fiéis da CCB, diferenciando-os na sociedade. Quanto ao batismo de pessoas carentes, os fiéis, quando anunciarem o evangelho, não devem apresentar a obra da piedade, pois essa é uma função do departamento responsável pelo atendimento dos necessitados e enfermos, composto por um diácono e as irmãs da obra da piedade, que também é um ministério da igreja. Esse cuidado é para que o evangelizado não se interesse pelo batismo para simplesmente receber os cuidados filantrópicos da igreja.<sup>30</sup>

A CCB também está atenta quanto aos procedimentos para com o batismo de presidiários. As orientações apontam para o cuidado de, caso a direção de algum presídio aceite que seja feito o batismo dentro da unidade prisional, que esse deve ser realizado em tanque portátil, devendo ser evitada, todavia, a solicitação de autorização para que o preso seja levado para ser batizado em algum templo da igreja.<sup>31</sup> Para o batismo ser realizado em algum presídio, tal serviço deve ser autorizado pelo diretor da instituição e o ministrante do batismo deve seguir as datas e horários determinados pela autoridade prisional e, em casos assim, somente o ancião ministrante deve comparecer ao serviço de batismo, seguido de alguns fiéis, observando-se, para tanto, os espaços físicos no qual será realizado o ritual.<sup>32</sup> As orientações da CCB se estendem até mesmo aos procedimentos que os ministros devem adotar quando um ritual de batismo for confirmado para ser realizado em uma determinada localidade, mas no dia não comparece nenhum dos interessados. Nesses casos, o ancião deve entrar na água normalmente, cantar alguns hinos, exortar as pessoas presentes a partir de textos bíblicos e, então, comunicar aos fiéis sobre o ocorrido e encerrar o serviço com uma oração de agradecimento.<sup>33</sup>

<sup>29</sup> Durkheim. *As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*.

<sup>30</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), de 01 a 05/04/1996.

<sup>31</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1996, tópico 28.

<sup>32</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), de 31/03 a 02/04/1999.

<sup>33</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), de 31/03 a 02/04/1999.

## SANTA CEIA

A santa ceia é outro ritual cercado de cuidados na CCB, pois simboliza a comunhão entre os fiéis e o ser divino. No cristianismo, essa cerimônia é fundamentada no livro de Lucas, capítulo 22, versículos 16 ao 19.<sup>34</sup> Nesse texto, verifica-se que Cristo, antes de ser crucificado, se alimentou de pão e vinho, juntamente com seus discípulos e, conforme os evangelhos, o pão significa o corpo de Cristo, ao passo que o vinho, o sangue. Na CCB há um cuidado em esclarecer que a santa ceia instituída no Novo Testamento é para todos os povos e representa a morte de Cristo, enquanto que a Páscoa, circunscrita a Israel, representa apenas a libertação do povo hebreu da escravidão do Egito bem como a chegada à Terra Prometida.<sup>35</sup> O ministério da CCB orienta os fiéis em relação à diferença entre a celebração da Páscoa e da santa ceia e, segundo os anciãos, a Páscoa não pode ser comemorada na igreja, pois tal ritual é uma comemoração *mundana* e, por isso, é um costume a ser evitado. Já a santa ceia é um ritual de santidade, pois representa o sacrifício do Cristo para a humanidade.<sup>36</sup>

Na CCB, assim como em outras igrejas evangélicas, a participação na santa ceia é acompanhada de uma série de cuidados e, neste sentido, fiéis que estejam em litígio com outros são orientados a resolverem a situação antes de se envolverem na participação. Os ministros da igreja alertam, antes de ser servido o pão e o vinho, que, se por algum motivo houver contenda entre fiéis, os envolvidos devem conversar e se *perdoar*, pois não devem tomar a santa ceia com mágoa ou ressentimento. Segundo o discurso produzido pelo ministério, quem toma a santa ceia indignamente toma para si sua própria condenação; se, no entanto, o fiel, mesmo não estando apto a tomá-la por algum motivo, se dirigir para participar, o ministério não o proíbe, porém a responsabilidade é totalmente dele.<sup>37</sup>

O ritual da santa ceia é um dos símbolos do cristianismo, porém, as igrejas cristãs apresentam formas diferentes para sua celebração. Na CCB, essa é distribuída uma vez ao ano em cada um dos templos espalhados pelo Brasil. Ele é realizado da seguinte forma: o ancião que preside o culto de santa ceia, ou seja, o cooperador local, distribui e abençoa o pão e, logo após, o diácono serve o cálice de vinho, também já *abençoados*. Todas as pessoas presentes nesse culto tomam o vinho no mesmo cálice, que passa de mãos em

---

<sup>34</sup> Almeida. *A Bíblia Sagrada*, 1992.

<sup>35</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1991.

<sup>36</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1991.

<sup>37</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1991 e 1997.



mãos.<sup>38</sup> Há orientações claras de como o ministério deve se organizar para que o ritual seja bem feito. Deve-se colocar uma fileira de bancos em que os fiéis possam se apoiar ao ajoelharem. Essa organização deve ser feita pelo diácono ou pelos porteiros, de acordo com o tamanho do templo. Os fiéis devem ser orientados a permanecerem em seus lugares até que chegue sua vez de comer o pão e de tomar o vinho, os que estiverem com alguma doença infectocontagiosa são orientados a serem os últimos no ritual, juntamente com os membros do ministério que serviram a santa ceia. É interessante ressaltar que, durante a oferta do pão e do vinho, somente o ancião que está na condução do culto pode pedir os hinos, não devendo fazê-lo nem mesmo o encarregado de orquestra.<sup>39</sup> O pão servido na santa ceia deve ser levedado e ter formato arredondado, não devendo haver nenhum tipo de corte ou rachaduras. Posterior à realização da santa ceia é feita uma oração de agradecimento coletivo.<sup>40</sup>

Os diáconos que irão servir o cálice devem ir girando o cálice, evitando, assim que os fiéis não coloquem a boca no mesmo local do cálice. Ao final de cada rodada, o diácono deve discretamente limpar as bordas do cálice com uma toalha limpa, que está sobre a mesa, para, em seguida, fazer a próxima rodada, e assim sucessivamente. Em casos excepcionais, onde não houver diácono, o cooperador de jovens e menores — este cooperador é um membro da instituição que ministra os cultos aos jovens e crianças da CCB — poderá servir o cálice, seguindo as mesmas orientações.<sup>41</sup> Os membros do ministério são instados a terem cuidado na organização da mesa, evitando eventualidades ou imprevistos. O ancião deve verificar se a mesa da santa ceia está em ordem, se o pão atende às normativas e se o cálice e a jarra estão com o vinho dentro. Precisa atentar para o fato de se o vinho é tinto e feito de uva. Somente após essas observações é que deve ser iniciado o serviço de santa ceia. É interessante ressaltar que somente membros batizados e que tenham acima de 12 anos podem participar desse ritual.<sup>42</sup>

Os hinos tocados durante a santa ceia devem ser escolhidos pelo ancião que está na presidência do ritual e devem ser pré-determinados em uma lista, que vai do primeiro ao sexto hino constante no índice do hinário. Cabe esclarecer que, neste rito, apesar de somente o ancião pedir os hinos, estes são cantados por todos os fiéis. Os anciãos que presidem a santa ceia na

<sup>38</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1999.

<sup>39</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1990.

<sup>40</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1993.

<sup>41</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1999.

<sup>42</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1999.

sua localidade, quando forem dela participar não poderão descer do púlpito, para que o ritual não fique sem presidência, devendo, neste caso, ajoelhar-se no púlpito e, depois disso, é servido pelo cooperador e pelo diácono, os quais, em seguida, também se ajoelham e são servidos pelo ancião presidente. O cooperador serve ao diácono o pão e o cálice e, em seguida, é servido pelo diácono. O ritual é finalizado com uma oração de agradecimentos que geralmente é feita por um membro do ministério local.<sup>43</sup>

Os fiéis que são portadores de doenças contagiosas, como a tuberculose e o HIV positivo, devem participar da santa ceia somente na última rodada, após os membros que a estão servindo.<sup>44</sup> Em relação aos serviços desse ritual dentro de presídios, isso não é possível, é vetado, pois a CCB alerta que não oferece esse serviço nos presídios porque nestas instituições é proibida a entrada de bebidas alcoólicas, e o vinho que é servido tem um teor alcoólico.<sup>45</sup>

## CASAMENTO E DIVÓRCIO

Para organizar a CCB, Luigi Francescon produziu um discurso que valoriza a família, colocando como parte da doutrina da instituição o casamento, dando-lhe uma grande importância, principalmente entre os membros da própria igreja. Os jovens da CCB, seguindo as orientações do ministério, não devem ter relacionamentos com membros de outras instituições religiosas e são instados a *orarem e esperarem de Deus* uma esposa ou um esposo. O namoro deve ser moderado e, quando iniciado, não se deve ficar por longo período namorando. Os casais de namorados devem organizar logo o casamento no civil, pois esse é o único válido na CCB. A igreja é contrária ao divórcio, alegando que o que *Deus uniu o homem não separa* e, para legitimar seus discursos sobre o casamento, a CCB lança mão da Bíblia Sagrada, notadamente da leitura do livro de I Coríntios, capítulo 07,<sup>46</sup> pois neste texto o apóstolo Paulo orienta as mulheres a não se separarem dos maridos e, em caso de separação, que fiquem sem casar novamente, orientação que também se aplica ao homem, pois este não deve separar de sua mulher e, caso isso aconteça, é melhor que se reconcilie.

A CCB não realiza cerimônias matrimoniais nos templos da instituição, dado que os casamentos dos fiéis devem ser realizados nos

<sup>43</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1999.

<sup>44</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1995.

<sup>45</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1995.

<sup>46</sup> ALMEIDA. *A Bíblia Sagrada*, 1992.

cartórios ou em qualquer outro lugar que os noivos escolham.<sup>47</sup> As regras para os casamentos nos cartórios receberam consideração e são bem claras, como, por exemplo, a que diz que as noivas devem obedecer aos horários determinados nos cartórios, pois o atraso pode causar transtornos ao juiz, tendo em vista que são realizados vários casamentos num mesmo dia e que cada um tem seu horário determinado e, além disso, os atrasos podem causar tumultos. Apesar de ser realizado em cartório, o casamento é um ritual para a igreja e, assim sendo, deve seguir um costume dos primeiros fiéis desta instituição, que oravam no lugar onde acontecia o casamento. Depois do ofício, os recém-casados e seus convidados se reúnem para comemorar, isso para os casamentos realizados em salões ou nas casas dos noivos, ao passo que, para os que são realizados em cartórios, a oração deve ser feita no local das comemorações. No entanto, os fiéis, especialmente as mulheres, devem evitar a vaidade, ou seja, não devem se apresentar em trajes *mundanos*, mas, ao invés disso, devem portar trajes *decentes*, levando, inclusive, no caso da noiva, seus véus, e a oração deve ser realizada de joelhos.<sup>48</sup>

Os fiéis não devem fazer simulação do casamento — representar a cerimônia no local da festa —, devem, portanto, se afastar de tais práticas, pois tal ato representa a mentira, e se os fiéis da CCB formam o *povo da verdade*, a verdade deve prevalecer. Além disso, no local das celebrações deve ser tocada apenas a marcha nupcial, sendo vedado outro tipo de música.<sup>49</sup> Apesar de a cerimônia de casamento ser um ato de organização social entre os brasileiros, a CCB adota somente o casamento civil, compreendido como o único válido para a instituição e, além de não aceitar expressões *mundanas* em casamentos, a única intervenção religiosa neste ofício é a realização de uma oração, que pode ser feita por qualquer membro da igreja se não houver nenhum membro do ministério presente.

Aqueles que pertencem ao ministério e desejam se casar com mulheres da igreja que estão na condição de divorciadas, a orientação é para que este tipo de união não seja realizada até que cada caso seja analisado em reunião ministerial.<sup>50</sup> Além disso, os diáconos não devem providenciar o casamento de desquitados e, nesses casos, os pretendentes devem resolver sua situação junto às autoridades do poder público.<sup>51</sup> Em relação ao fato de haver a necessidade de divórcio entre os fiéis, o caso deve ser levado ao

---

<sup>47</sup> Relatório da Convenção da CCB, 2002.

<sup>48</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1990.

<sup>49</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1999.

<sup>50</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1993.

<sup>51</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1991.

ministério antes de se consumir na justiça e, em relação ao tema, a CCB não aprova o divórcio por incompatibilidades e, caso o casal apresente tal alegação como base para o divórcio, não terá liberdade dentro da instituição, nem comunhão entre os demais fiéis. No entanto, se o ministério deliberar a favor do divórcio, estes devem procurar as autoridades competentes para sua consolidação. Já nos casos de casais que alegam ter perdido o amor de um pelo outro e, por isso querem a separação, orienta-se que não se casem novamente, ou que se reconciliem entre si, e aquele que não aceitar a reconciliação perderá a liberdade entre os fiéis.

Para CCB, a separação dada a desavenças não dá direito ao divórcio e a novas núpcias, pois incompatibilidade não significa infidelidade conjugal, única causa válida para o divórcio.<sup>52</sup> Se, pois, o motivo da separação não for infidelidade conjugal, tal separação é ilícita, e, sendo assim, se um dos separados vier a casar-se com outra pessoa, cairá em *pecado*, e não será mais aceito na instituição, porém, se houver adultério, a parte inocente poderá casar-se novamente após o divórcio e permanece na instituição. Nos casos de impotência sexual entre os recém-casados, ou homoafetividade, pode-se desfazer o casamento e a parte inocente casar-se novamente, permanecendo como participante na CCB.<sup>53</sup> Outra questão relacionada ao casamento é o adultério, considerado na CCB como pecado de fornicação e prostituição, portanto, pecados considerados sem perdão. A igreja formata essa compreensão a partir da leitura do texto bíblico de I Coríntios, capítulo 6, versículo 18, no qual se lê que “todo o pecado que o homem comete é fora do corpo, no entanto a prostituição é um pecado contra o próprio corpo, e este é o templo e a morada do espírito santo”.<sup>54</sup> Em relação a tais *pecados*, a CCB dispõe de um discurso muito claro, no qual se afirma que todos os fiéis devem se afastar do adultério ou da fornicação, pois todo pecado que o homem pratica é fora de seu corpo, mas o que comete o adultério peca contra seu corpo.<sup>55</sup> O discurso produzido pela instituição é justificado por outras passagens bíblicas, como a descrita no livro de Gálatas, capítulo 05, verso 19, texto no qual está expresso que quem vir a cometer a prostituição, a impureza e a lascívia não alcança o *reino dos céus* e,<sup>56</sup> nesse sentido, os jovens são orientados a andarem conforme a doutrina, afastando-se dos costumes do *mundo*, sendo, pois, obedientes aos ensinamentos e respeitadores da *palavra de Deus*. Para os pretendentes ao casamento, a orientação é que,

<sup>52</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1993.

<sup>53</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1991.

<sup>54</sup> ALMEIDA. *A Bíblia Sagrada*, p. 217.

<sup>55</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1996.

<sup>56</sup> ALMEIDA. *A Bíblia Sagrada*, 1992.

respeitosamente, esperem o dia das núpcias para se unirem de acordo com os mandamentos e a doutrina, dado que, se antecipam as núpcias, ficam sem liberdade de ação na igreja e, nos casos de músicos ou organistas, ficam sem liberdade para usarem instrumentos musicais nos cultos, ao que, para os que possuem cargos ministeriais, a disciplina é a destituição.<sup>57</sup>

Bourdieu acredita que o rito de uma instituição tem a função de legitimar a consagração, transformando o arbitrário em algo livre e, seguindo este entendimento, a CCB, por meio dos rituais que indicamos, elabora um discurso de livre arbítrio.<sup>58</sup> Geertz afirma que a dependência humana em relação aos símbolos e sistemas simbólicos chega a ser determinante para sua realização como indivíduo e que os rituais conduzem a consciência imaterial de um povo e, assim sendo, os símbolos e rituais religiosos estabelecem uma coerência entre a vida particular e metafísica.<sup>59</sup> Neste sentido, os rituais da CCB e suas orientações vão além do aspecto meramente religioso, passando a ser um código de conduta na vida particular do fiel, ao determinar que seus membros não devam se divorciar, já que o casamento, por exemplo, é um símbolo sagrado. Para Durkheim,<sup>60</sup> os rituais são instituídos como normas que conduzem o comportamento do indivíduo diante da divindade e, se assim for, o batismo, a santa ceia e o casamento, realizados pela CCB, exercem a função de aproximar o fiel da vontade divina.

Os símbolos e rituais religiosos estão destinados a serem sempre recriados no interior dos grupos religiosos e, nesta direção, uma nova igreja vai sempre colocar em evidência as diferenças que a identificam, dado que um grupo religioso tem a tendência de reelaborar comportamentos, compreensões do sagrado, mesmo que ele não rompa com o campo religioso no qual esteja inserido — e isso aconteceu com a CCB em relação aos protestantes históricos, pois, ainda que a CCB faça parte do cristianismo brasileiro, logo que foi implantada no Brasil tratou de estabelecer diferenças nítidas no que se refere a doutrinas e comportamentos a serem adotado por seus fiéis. Se o protestantismo histórico estava se tornando secularizado, adotando comportamentos e liturgias tradicionais, o pentecostalismo da CCB pretendeu adotar uma religiosidade diretamente amparada na Bíblia, com todo o fundamentalismo que isso acarreta. Entretanto, essa diferenciação, ainda que seja demarcada logo na sua origem, demorou um longo tempo para se transformar em regulamentações capazes de construir uma membresia

<sup>57</sup> Assembleia Anual da CCB em São Paulo (1990-1999), 1996.

<sup>58</sup> Bourdieu. *O Poder Simbólico*.

<sup>59</sup> Geertz. *A Interpretação das Culturas*.

<sup>60</sup> Durkheim. *As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*.





---

identitária. A CCB levou quase cinco décadas para deixar explícito a sua religiosidade e, por meio dela, dialoga e interage no antigo norte goiano, atual Estado do Tocantins.

Recebido em 22/10/2014 - Aprovado em 12/12/2014

